

Abris, maios, setembros. Revoluções plurais pedindo mais que simples ou espetaculares memorações de tempos, espaços e narrativas.

1998 é um ano bastante importante no calendário da História. Completam-se cinquenta anos da Declaração dos Direitos Humanos. Em contrapartida, a África do Sul instituiu seu regime segregacionista. Também há cinquenta anos, o povo judeu conseguia delimitar o Estado de Israel, excluindo os palestinos, os quais, assim como os curdos, continuam sendo um povo sem terra. 1968, o mundo revoluciona-se, as mentes e os corações que sonhavam o mesmo sonho de Martin Luther King vêm, pela TV, o tiro cortar o sonho, enquanto corpos *napalms* saíam da fumaça laranja das estradas de um Vietnã em chamas. Só hoje sabemos que o céu e as matas do Araguaia também foram atingidos.

O medo não se encontrava apenas do lado de lá do mundo. No final do ano, em dezembro, já começávamos a entender o significado do Ato Institucional nº 5.

Mas, aniversariar também quer dizer nascer de novo. Por isso, proponho para este número que a conversação comprometida seja recolocada em sala de aula – lugar que permanece quadrado e emudecido – e seja também recuperada no que tem de mais sofisticado: a possibilidade da conversação e da reflexão crítica.

Neste número, proponho quatro filmes e, para trabalhá-los, sugiro que a poesia seja a via de acesso ao conhecimento. A poesia como forma de auto-conhecimento, como fonte extraordinária de revolução, uma vez que trabalha o interior de cada um.

Nesta linha, os filmes para iniciar o exercício são *O carteiro e o poeta* e *Sociedade dos poetas mortos*.

O carteiro e o poeta (*Il postino*)

Adaptação do romance de Antonio Skarmeta

Direção: Michael Radford

Roteiro: Anna Pavignano, Michael Radford, Furi Scarpelli, Giacomo Scarpelli e Massimo Troisi

Produção: Alberto Passone

A AUTORA

Maria Ignês Carlos Magno

Professora de História no primeiro e segundo graus, em São Paulo. E-mail: unsignes@usp.br

Fotografia: Franco Di Giacomo

Montagem: Roberto Perpignani

Música: Luís Enrique Bacalov

Itália/França, 1995

Duração: 109min

O filme narra a história de um tímido e simples filho de pescadores que vive em uma ilha no sul da Itália, para ele mundo restrito e sem perspectivas, e é contratado para entregar cartas ao poeta chileno Pablo Neruda, então em refúgio político. Desenvolve-se profunda amizade entre os dois. Mário pede a Neruda ajuda para aprender a fazer versos e assim ganhar o coração de uma mulher. O poeta passa a ajudá-lo e, durante suas conversas, Mário desperta para a poesia, para o conhecimento do mundo e para o auto-conhecimento¹.

Sociedade dos poetas mortos (*Dead poets society*)

Direção: Peter Weir

Roteiro: Tom Schulman

Produção: Steven M. Haft, Paul Jung, Tony Thomas

Fotografia: John Seale

Música: Maurice Jarre

EUA, 1989

Duração: 128min

O filme conta a história de um professor de literatura que, utilizando a poesia, desperta em seus alunos o desejo de experimentar e de ser livre para construir seus próprios destinos, viverem seus próprios desejos.

Os dois filmes abordam um momento bastante particular e importante da História Mundial, os anos 50 e o prenúncio dos anos 60. Momento de revoluções políticas, sociais e culturais no Chile, nos Estados Unidos, na Itália, no Brasil e em diversas outras partes do mundo.

O tema central da proposta é a poesia como elemento detonador das revoluções, e a pesquisa sobre o período deve ser desenvolvida para dar sólida base às discussões. Textos e contextos podem ser trabalhados simultaneamente.

Pablo Neruda, um dos mais significativos poetas contemporâneos, foi tratado no filme como *poeta do amor*. Neruda, no entanto, estava exilado na ilha italiana de Cala di Soto. Partindo dessas informações, podemos recuperar a História do Chile e das atividades poéticas e políticas de Neruda. Como também podemos ampliar as pesquisas para a História da América Latina e do Chile, em particular, durante os anos 60/70 e na atualidade.

Quanto ao filme, no garimpar das metáforas textuais e visuais, é importante perceber os momentos em que o personagem Mário descobre a poesia e o amor, os poetas, a política, a sua terra, e a si mesmo.

Sociedade dos poetas mortos. Além da poesia e dos poetas, o filme nos aponta, entre tantas leituras, a das estruturas familiares nos anos 50. Interessante será pesquisar as mudanças que ocorreram daqueles anos até hoje. Outra possibilidade para conhecimento e discussões são os poetas que, nem

1. MOTTER, Maria Lourdes. *O carteiro e o poeta: a força da poesia*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n.8. jan./abr., 1997. p.83-89.

sempre citados, nos dão o clima do filme: Walt Whitman e os poetas do início de toda *Geração beat*, os andarilhos poetas dos anos 50. Leitura e filosofia que animaram muitos dos inúmeros movimentos revolucionários dos anos 60: da luta armada ao movimento *hippie*. Leituras que transitavam dos mais rebeldes textos políticos aos mais anárquicos poemas. Poesia e política misturadas e misturando vivências e desejos de um outro vir a ser histórico, humano.

Filmes que também nos provocam em muitos aspectos. Um deles, o tema do exílio, condição sempre imposta. Exílios políticos, poéticos, existenciais.

Para pensarmos nesses exílios atuais, proponho o deslumbramento dos telespectadores com a festa de entrega do *Oscar*. *O que é isso, companheiro?* e um diálogo possível com *Lamarca* é minha segunda proposta.

Lamarca

Adaptação do livro *Lamarca, o capitão da guerrilha*, de Emiliano José e Oldack Miranda

Direção: Sérgio Rezende e Alfredo Oroz

Produção: José Joffly, Mariza Leão, Andréa Queiroga, Cinema Filmes e Morena Filmes

Fotografia: Antônio Luiz Mendes

Câmera: Marcos Avellar

Música: David Tygel

Brasil, 1994

Duração: 130min

Este filme conta os últimos anos da vida do capitão Carlos Lamarca. Integrante das Forças Armadas das Nações Unidas no Canal de Suez, volta ao Brasil e depara-se com os caminhos tomados pelo país após o Golpe de 1964. Não se conformando com tal situação, ingressa na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e organiza a luta armada contra a ditadura militar².

O que é isso, companheiro?

Adaptação do romance de Fernando Gabeira

Direção: Bruno Barreto

Roteiro: Leopoldo Serra

Produção: Luís Carlos Barreto e Filmes Equador Ltda.

Direção de arte: Marcos Flaksman

Trilha musical: Stewart Copeland

Columbia Pictures/Sony Corporation, Brasil/EUA, 1997

Duração: 113min

2. MOTTER, Maria Lourdes. *Lamarca: um nome para ser lembrado*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n.1, set./dez. 1994. p.70-74. MENDONÇA, Mary Enice Ramalho de. *Lamarca, o filme*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n.1. set./dez. 1994. p.73-74.

O filme conta a história do seqüestro, em 1969, do embaixador americano Charles Burke Elbrick por um grupo de jovens militantes de esquerda; um dos fatos de maior impacto político da História recente do Brasil³.

Os dois filmes, feitos a partir de dois livros que abordam o mesmo período da nossa História, os anos 60/70, tratam de fatos e personagens que viveram e atuaram nessa história, principalmente, revelando forças e movimentos sociais que possuíam um outro projeto político-econômico para o país.

Os filmes, a despeito das críticas, são, do ponto de vista da História, bastante interessantes para pesquisarmos aspectos desconhecidos da América Latina e do Brasil.

É interessante trabalhar o filme *O que é isso, companheiro?* juntamente com a entrevista dada por Fernando Gabeira a Daniel Cohn-Bendit, em 1985⁴. Nesse depoimento Gabeira fala de sua experiência e de como releu o momento e o episódio representado: o seqüestro do embaixador americano. A partir daí, o professor pode desenvolver uma leitura comparativa, ressaltando os pontos em que o filme (ficção) se aproxima da História e em quais se distancia. Outros destaques podem ser feitos a partir da entrevista, tais como os relatos que Gabeira faz do Golpe de 1964; como descreve a luta armada; como descreve o seqüestro do embaixador; como se coloca frente ao possível assassinato do embaixador; como se recorda da tortura; o que fez e como viveu no exílio; e comparar as causas que defendia em 1969, 1985 e hoje.

Após a leitura e discussão entre a ficção e a realidade, penso que os alunos já podem redigir um texto comentando e tentando inter-relacionar cinema/História.

Paralelamente e como parte fundamental do exercício, desenvolve-se a pesquisa histórica sobre o Golpe de 1964 e dos anos mais violentos da ditadura militar instaurados, a partir de 13 de dezembro de 1968, com o AI-5. Para melhor entender esse período de total fechamento político, quando a resistência pacífica existente passa a se organizar em grupos clandestinos, os filmes e os personagens da vida real podem ser buscados numa leitura comparativa. Gabeira, jornalista, que diante da ditadura deixa o jornal e se engaja na luta armada e sobrevive, deixa o país e muda de posição. Lamarca, capitão do Exército, deixa seu posto, também vai para a luta armada e paga com a vida o seu sonho de revolução. Gabeira e o seqüestro do embaixador americano; Lamarca, organizador do seqüestro do embaixador suíço. Eram membros de organizações diferentes, conduzindo a revolução de maneira diferente, porém tinham o mesmo pensamento de liberdade.

Cabem aqui duas leituras: a da construção dos filmes e a da História, dos pontos de vista da ficção e do desenrolar objetivo das lutas do período. É

3. ALMADA, Isaías. *A companheira Maria*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna. n.10, set./dez. 1997. p.88-92.

4. COHN-BENDIT, Daniel. *Nós que amávamos tanto a Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

interessante analisar o que os filmes mostram e o que sugerem como parte do mergulho nessa História que completa trinta anos. Merecem balanço e estudo mais aprofundados que permitam, como a poesia, conhecimento e revoluções interiores.

Para finalizar, retomo o conselho de Pablo Neruda a Mário, quando este último pergunta o que fazer para também ser poeta: observar tudo o que está à sua volta, assim se chega às metáforas. Pois o importante é estar com a alma sempre aberta para aprender, os ouvidos sempre prontos, não apenas para ouvir, mas para escutar as muitas vozes das transformações, dos movimentos da História, embora a atual História insista em dizer que não há saídas. Penso que o conhecimento nos aponta a saída desse exílio político e poético em que vivemos.

BIBLIOGRAFIA

- WHITMAN, Walt. **Folhas das folhas de relva**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KRIM, Seymour. (org.) **Geração beat**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (1.ed. 1979)
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos – o breve século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- FOLHA DE S. PAULO. *A última utopia*. São Paulo, 10 mai.1998. Caderno Mais.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 9 mai. 1998. Caderno Especial Maio de 68.
- O ESTADO DE S. PAULO. *Maio de 1968*. São Paulo, 10 mai. 1998. Caderno 2, Especial Domingo.
- _____. *Revolução sob o Big Ben*. São Paulo, 17 mai. 1998. Caderno 2, Especial Domingo.
- _____. *Dany, o Verde*. São Paulo, 19 abr. 1998. Entrevista com Daniel Cohn-Bendit.
- DIÁRIO POPULAR. *O crime da ditadura sobre a morte de Vladimir Herzog*. São Paulo, 22 mar. 1998. Caderno Já.